

MEMORIAS

DA

ASSOCIAÇÃO

CULTO A' SCIENCIA.

N.º 14.

S. PAULO.—AGOSTO.

1861.

ACTA

DA SESSÃO MAGNA DO CULTO A' SCIENCIA
AOS 11 DE AGOSTO DE 1861.

Presidencia do Snr. Francisco Rangel Pestana

No dia 11 de Agosto do corrente anno a Associação Culto á Sciencia celebrou em uma das salas da Academia a sua sessão magna, em festejo ao anniversario de sua installação, e creação dos Cursos Juridicos do Imperio.

Era necessario que uma Associação fosse installada sob os auspicios deste dia tão memoravel, tão significativo para nós Academicos!

O Culto á Sciencia veio occupar este lugar, e nenhuma mais digna do que ella! quatro annos conta de existencia, tem sabido sustentar sua honra e dignidade, mesmo nas occasiões mais criticas, tendo sempre á sua frente briosos mancebos, em cujos corações ferve o mais sancto amor pela sciencia.

O nosso digno Vice-Presidente o Sr. Rangel Pestana, na falta do nosso talentoso Presidente honorario, o Exm. Snr. Dr. José Bonifacio de Andrada e Silva, que lá na Camara nos faz devisar no horizonte da patria o brilhante futuro que o espera; e tambem na falta do Presidente effectivo o Sr. Francisco Carlos de Almeida Reis, abriu a sessão com um brilhante e enthusiastico discurso.

Em primeiro lugar teve a palavra o Sr. João Quirino do Nascimento (1.º Secretario) para apresentar o relatorio dos

principaes acontecimentos, que se deram na nossa Associação de—1860 á 1861—o que fez com excessivo esmero.

Acabada a leitura do relatorio, teve a palavra o Orador da Associação, o Snr. Luiz Fortunato de Britto Abreu Souza e Menezes Junior, o qual com sua eloquencia natural fez ouvir a sua mavioza voz no nosso sagrado recinto, arrancando á cada momento applausos do auditorio.

Ocuparam a tribuna em seguida os eminentes Oradores das nossas sociedades correspondentes: Ensaio Philosophico Paulistano, que teve por Orador o Sr. Antonio da Silva Prado, que pronunciou um bello discurso; Atheneu Paulistano, que teve por Orador o Snr. Rodrigo Octavio de Souza Menezes, o qual pronunciou um discurso todo perpassado de comparações historicas, fazendo-nos admirar os seus conhecimentos de Historia e Litteratura; Club Scientifico, e Recreio Instructivo que tiveram por Oradores os Snrs. Theodomiro Alves Pereira e Silveira, os quaes, compenetrados da missão á que se votavão desempenhar, proferirão bellos discursos. Tambem orou o Sr. Monteiro da Luz.

Em ultimo lugar teve a palavra o Orador da Associação (o Snr. Britto) o qual, com suas maneiras delicadas, agradeceu á todos os Snrs. que nos honraram com suas presenças; sendo elles os Snrs: Exm. Presidente da Provincia, Dr. João Jacintho de Mendonça; Dr. Antonio Carlos, nosso digno lente e socio honorario; Dr. Tavares Bastos, Juiz de Direito da Capi-

tal; Dr. Pedro Taques; Rvdms. Prior do Carmo, e Sancta Candida; Major Marques Cantinho; Benedicto Luz; Dr. Vicente da Costa Cabral; e outras pessoas que não nos occorre aqui mencionar, porque não quizeram occupar os lugares de honra que lhes rezervamos.

Não podemos deixar, antes de terminar esta acta, de saudarmos estes illustres cavalheiros, que vieram abrilhantar com suas presenças nossa sessão, e possuidos de sentimentos nobres, com nosco render Culto á Sciencia.

O 2.º Secretario
Joaquim José Alvares dos Santos Silva.

RELATORIO.

APRESENTADO NA SESSÃO MAGNA DA ASSOCIAÇÃO CULTO A' SCIENCIA, DE 11 DE AGOSTO DE 1861, PELO 1.º SECRETARIO JOÃO QUIRINO DO NASCIMENTO.

Senhores.

E' hoje o dia da mocidade brasileira, em que as nossas academias revestem-se de suas gallas, para virem recordar tantas tradições de gloria, tantos nomes illustres! Francisco Octaviano, Felix Xavier, José Bonifacio, e tantos outros são apontados agora com respeito e admiração. Vós os conheceis; tendo-os á frente, não é que haveis de recuar diante das difficuldades, que já previeis, quando entrastes em luta; não! o dia de hoje é mais um desmentido á face de nossos inimigos; cercados de inveja—deixai-os, elles vos admirão neste momento solemne, em que a sciencia se ostenta no esplendor de suas glorias!

E' hoje, *Senhores*, que a associação—*Culto á Sciencia*—vêm festejar o seu quarto anniversario.

Porém no meio de tanto enthusiasmo, no meio de tanto realce e brilhantismo, á quem fostes escolher para agora dirigir-vos a palavra! é indigno de certo, que nem soube medir as suas forças, mas escutai-o; acceitai o seu trabalho, embora como um protesto d'aquelle que não pode dar mais.

Escolhido por vossa benevolência para

occupar o cargo de 1.º Secretario, não seria de certo eu que havia de ficar estacionario diante dos vossos esforços. Cumpre-me, pois, como tal, apresentar-vos agora o quadro da nossa associação durante o ultimo anno social; tarefa tanto mais difficil para mim, quando os poucos acontecimentos, que nelle se derão, só servem para, por mais esta vez, repetir-vos os vossos triumphos; e receio por isso ter de cahir, no decurso da minha narração, no vicio da monotonia. Entretanto, cedendo impulso á vontade que tenho de tambem concorrer para o engradecimento desta associação, eu começarei, como o meu digno antecessor, por dirigir minhas preces ao Deus da nossa terra de promessa, para que, como á Moisés, não nos faça parar no Sinai.

Não deixarei, como elle, de consagrar aqui um voto de gratidão ao nosso illustre Presidente honorario, o Dr. José Bonifacio de Andrada e Silva, e ao nosso Socio Benemerito, o Dr. Vicente Mamede de Freitas, pelo serviço, que nos têm prestado.

Continuando depois do lugar, em que ficou aquelle, que n'um dia como este achou palavras mais dignas de vós, eu tenho á annunciar-vos mais 2 officios, um do Dr. Joaquim de Almeida Leite Moraes, e outro do Dr. Caetano Alves de Souza Filgueiras, em os quaes os seus authores, dignando-se acceitar os titulos de socios honorarios, nos fazem ver bem a fé, que depositão na mocidade brilhante, de que fazeis parte. Com mais estes dous completa se na nossa lista o numero de 29 Socios Honorarios (1), como podeis ver pelo documento 2, que á este ajunto.

No proximo numero das nossas—*Memorias*—achareis duas paginas de luto: são duas lagrimas derramadas, uma sobre a lousa do nosso chorado Socio honorario Dr. José Tell Ferrão; outra sobre os louros emmurchecidos no sepulchro do Poeta, e nosso Socio correspondente, Casimiro de Abreu. Era a prova mais sincera, que podia dar o—*Culto á Sciencia*—da dor porque passou! Por esta

(1) No relatorio antecedente vem o numero de 27 Socios honorarios; julgo que por engano deixou de ser mencionado um.

falta ficou o numero dos Socios correspondentes reduzido a 2, que vão no documento 4.º, juntamente com o unico Socio Benemerito.

No archivo da 1.ª Secretaria, encontrareis ainda um officio do muito digno Socio honorario, Dr. Francisco Maria de Souza Furtado de Mendonça, respondendo á circular, em que a nossa Commissão de Redacção o convidava para o projecto, que tinha de dar mais expansão ás columnas das—*Memorias*.—E' pena, porém, que tivéssemos de desistir de tão importante empresa. Foi que nem todos acudirão, como elle, ao nosso pedido! Não importa; é este o terceiro anno do nosso jornal, e já elle conta dous numeros, cujas paginas são ornadas, por nomes, que tem sabido merecer elogios. —*A Dama do Lago*—do Sr. Araujo Moreira, esse incançavel lidador, tanto na imprensa, como na tribuna, é um artigo, que merece ser mencionado. A critica sobre—*Basilio da Gama*—é um elogio á intelligencia do seu joven escriptor. A poesia—*Olympia*—do Sr. Americo Lobo, e a do Sr. Quirino dos Santos—*Caypora* devem orgulhar aos seus authores. A par destes outros, não menos importantes, sobre *Philosophia*, *Historia* etc. que devem ser citados, e que o espaço não me permite. Apesar de que já tivesse tido occasião de dirigir algumas censuras ao seu presidente, eu tenho fé, *Senhores*, de que a nobre Commissão de Redacção ha de ter tempo de cumprir os seus deveres, e nós de salvarmos os nossos compromissos.

Não é só na imprensa: o espirito humano é insaciavel, e a intelligencia não cança. Na tribuna nota-se o mesmo entusiasmo. Sete theses, que forão discutidas neste decurso, nada deixão á desejar.

Quanto aos cargos, á excepção de um, que confiastes á inexperiencia daquelle que ora vos dirige a palavra, os mais achão-se todos bem distribuidos. Pelo documento 1.º podeis ver a differença, que soffreu a eleição geral, constante do documento 7.º

Entretanto, parece-me de meu dever acompanhar as diversas phases, porque passarão todos os empregos, para imitar

á aquelle que me precedeu nesta cadeira. Tendo perdido o direito aos cargos, que exercião os Srs. Constantino, e Araujo Leite, e tendo-se demittido os Srs. Maximiano, Florencio, e Barros Junior, em sessão de 18 de Setembro forão eleitos os Srs. Antonio Carlos, para orador, Reis, Araujo Moreira, Thompson Flores e Barros Junior (reeleito) para membros da Commissão de Redacção, e Santos Silva para 2.º Secretario, que vagára pela sahida do Sr. Thompson Flores. Na seguinte sessão, de 21 do mesmo mez, forão eleitos os Srs. Moller para 1.º Supplente, deixado pelo Sr. Santos Silva, e Reis para Vice-presidente, que deixou vago o lugar que occupava na commissão de Redacção, e que só foi preenchido na eleição geral, que ja se achava proxima. Para a vaga de segundo supplente deixada pelo Sr. Moller, foi eleito, em sessão de 29 do mesmo mez o Sr. Barros Duarte que hoje tão merecidamente exerce o cargo de primeiro supplente.

A 16 de Outubro encerramos os nossos trabalhos, voltando a 20 de Abril de 1861, em que fizemos a nossa sessão de abertura.

Antes, porém, que entre neste segundo periodo, devo fallar-vos de um requerimento, que foi lido na nossa sessão de 18 de Agosto, do anno passado. Foi elle causador de grandes questões, e de graves consequencias. A casa tornar-se-ia injusta, se em uma das suas actas não tivesse mandado lançar um voto de gratidão á todos os Srs. que por essa occasião se retirarão da Associação.

Tornando ao fio da narração, temos logo na sessão de 23 de Abril a demissão do Sr. Ferraz, que a associação com pezar não pode recusar. Para esse lugar, fiado unicamente no vosso apoio, accetei a honra, que me concedestes. N'essa mesma sessão tivemos de lamentar a sahida do Sr. Antão, da Commissão de Redacção; porém ahi já a perda foi menor, porque achastes para substituil-o o Sr. Antonio Carlos. A' 11 de Maio o Sr. Gonçalves Bastos deixou a Vice-Presidencia, talvez já farto de tantas glorias, ou então, na sua frase, para dar lugar á novos

campeões! Em seu lugar foi escolhido, o nosso infatigavel companheiro, o Sr. Rangel Pestana, que tendo nos deixado em Outubro, veio de novo entrar nas nossas lutas. E' que o homem da sciencia não pôde se tornar surdo as vozes do irmão, que lhe grita: Away! Inutil se torna tanto, dizer-vos como elle tem sabido prehencher o lugar deixado por um que não menos o sabia comprehender. Não é tudo: logo depois tivemos de soffrer outra falta; o Sr. Barros Junior, moço entusiasta, e sincero cultivador das letras pediu sua demissão de membro da Commissão de Redacção, e mais adiante, com surpresa de todos, deixa tambem de fazer parte da nossa associação. Consolemo-nos, *Senhores*, é mais um que nos deixa!

Ao passo porém que um sahe, entrão outros; ahi temos 14 novos Socios, que tomarão assento durante o anno Social (documento 5.) Juntos estes á lista dos socios effectivos, e tirados os que deixarão de fazer parte, que são no numero de 28, e que se achão no documento 3, temos o total de 40 Socios effectivos, no documento 1.º Não desanimemos!

Ainda perdem o direito aos empregos os Srs. Tostes, Silva Pontes, e José Pereira, demittindo-se voluntariamente o Sr. Jorge Ludgero, que sempre fiel ás suas palavras ao entrar para esta associação, teve entretanto de esmorecer, por causa de sua saude. Em vista destas faltas, forão eleitos os Srs. Antão para Supplente a Orador, Gonçalves Bastos, J. M. Alvares de Azevedo para a Commissão de Redacção; Moller para thesoureiro, deixando vago o lugar de 2.º Supplente, que foi prehenchido pelo Sr. Loyolla; Dahi á dias, tambem este perdeu o direito, substituindo-o o Sr. Jeronymo de Freitas. Para a vaga da Commissão de Redacção deixada pelo Sr. Thompson Flores, que se demittiu n'uma das sessões ultimas, foi escolhido, com muito acerto, o Sr. Ferraz, moço já bem conhecido por vós.

Com estes Funcionarios, *Senhores*, eu creio que a associação—*Culto á Sciencia*—terá de cada vez ganhar mais forças para as suas conquistas.

As nossas relações externas achão-se

no msmo pé, nada mais tendo á acrescentar: O Ensaio Philosophico, o Athenau Paulistano, o Club Scientifico, e o Recreio Instructivo têm continuado a nós remetter os seus jornaes. Causa admiração ver como trabalha a nossa mocidade! Folheai as paginas desses jornaes, e nomes dignos encontrareis, como os nossos, combatendo pelo mesmo fim! Ainda mais: além das associações ha o mesmo entusiasmo, o mesmo esforço. A verdade, ahi a tem no—*Sacrificio*—romance, com que acaba de nos mimosar o Sr. Francisco Antonio da Luz, e nos trez primeiros numeros de um novo jornal o—*Forum Literario*,— que nos remetterão os seus illustrados redactores.

Necessidades, não me occorre nenhuma. Resta-me pedir-vos, *Senhores*, que não desanimeis. No caminho, que abrimos, mais uma milha contamos—o marco está assentado, caminhemos! E amanhã, aquelles, que hoje deixamos, saberão tambem gritar: *Caminhemos!*

Secretaria da associação *Culto á Sciencia*—aos 10 de Agosto de 1861.

DISCURSO

COM QUE O SNR. FRANCISCO RANGEL PESTANA PRESIDENTE DO=CULTO á SCIENCIA—ABRIO A SESSÃO MAGNA DO DIA 11 DE AGOSTO DE 1861.

SNRS :

Na falta do nosso illustrado Presidente honorario, o Ex.^{mo} Snr Doutor José Bonifacio de Andrada, que lá no parlamento, aos applausos dos eleitos do povo, eleva seu nome á alteza das glorias dos seus venerandos antepassados, despertando assim a heroica Provincia de S. Paulo que parece dormir abatida pelo povo de seu antigo renome; na falta tambem do nosso talentoso Presidente effectivo: coube á mim, dentre vos o menos proprio, a honrosa missão de dirigir os trabalhos solempes da nossa associação no memoravel dia de 11 de Agosto, anniversario da sua instalação e da fundação dos Cursos Juridicos.

Não espereis, senhores, ouvir hoje desta cadeira os pensamentos bellos que durante 4 annos vos forão dirigidos por

aquelle que hoje, daqui á pouco, como orador da associação tem de prender a vossa attenção com seu discursar eloquente e fluido.

Senhores, estudando-se o movimento litterario scientifico e politico de cada um dos povos da velha Europa, lá haveis de achar a Universidade na frente delles, como o anjo do progresso, o guia que conduz o homem no seu caminhar para Deus, para Deus sim porque cada dia é a descoberta de uma verdade, e a descoberta de uma verdade é mais um passo que avança a humanidade para sua perfeição.

As Universidades são os corações das nações modernas; é dahi que partem grandes e fecundas arterias que lhes dão calor e vida, ellas são as grandes molas que levão o movimento á todo organismo social.

Quando, Senhores, um bando de homens que a historia chamou de barbaros, assentou-se assoberbado sobre os monumentos marmoreos de Roma prostituida, no momento em que seus filhos, degenerados republicanos dos tempos severos dos Catões e Brutos, tripudiavão nos lupanares ao som dos hymnos lascivos das mulheres decaidas da grandeza da virtude, esquecendo no resfolgar da orgia, os santos deveres de cidadão romano, forão, como vós sabeis, as ordens religiosas que guardarão as reliquias dessa civilisação antiga baptisada pelo Christianismo, e que depois de dominar sobre a barbaresca e unir-se com ella, appareceu tão bella, tão grandiosa como a propria religião que sellára a sua união—Dahi principia a influencia do clerigo e os germens dessa grande luta da Egreja com o estado.

O homem, porem, que não pára, e que quer livremente pensar, aborreceu-se de tutella mysteriosa do clerigo e então crearão-se as escholas e mais tarde as universidades que a frente dessa luta protestarão em nome da Sciencia contra a usurpação indvida e vexatoria dos homens degenerados da Cruz e do Evangelho que trabalhavão para a theocracia universal. As Universidades tinhão de lutar com um inimigo poderoso que des-

punha de muito prestigio, influencia e saber, e por isso abrigarão-se á sombra do poder dos Reis. Esta protecção tornou-se tambem vexatoria á sciencia e foi necessario libertal-a. Ellas alcançarão de pois de muitos esforços alguns privilegios e regalias que as collocarão em uma posição mais livre.

Desde então, Senhores, essas corporações scientificas tomarão uma posição brilhante no destino das nações, e sua influencia tornou-se poderosa no progresso e na civilisação dos povos.

As suas portas abertas á todas as intelligencias, aos plebeos e aristocratas, foi um grande triumpho para a causa da liberdade, foi uma homenagem ao progresso da democracia!

Apresentar-vos o desenvolvimento historico das Universidades e mostrar-vos a sua influencia no progresso scientifico, litterario e politico dos povos, seria um trabalho por demais difficultoso para mim.

Neste memoravel dia, porem, já que 38 annos de existencia de um povo livre e ordeiro não tem sido bastante para os poderes do Estado crearem uma Universidade e cumprirem assim com a disposição constitucional, far-vos-hei da nossa Academia que já muitas glorias possui dignas de serem celebradas neste dia, quando um grupo de academicos cheios de patriotismo e de crenças festeja o dia de independencia scientifica e litteraria de sua patria.

Senhores, tem por ventura a Academia de S. Paulo comprehendido a sua missão?

E' triste, mas é preciso confessar: a Academia de S. Paulo, como as suas irmãs do Imperio, ainda não comprehenderão a sua grandiosa missão.

Ella é uma instituição, onde a mocidade á troco de dinheiro pago ao governo adquire um banco para ouvir sabias e eloquentes lições de Direito, é verdade, mas sem incentivo algum que o ennobreça. Regida por um estatuto que pèa a liberdade do lente e ainda mais a do estudante; um estatuto mais proprio para eschola de artifices do que para uma Faculdade de sciencias, não póde elevar-se a sua missão, porque está constituída de uma maneira muito contraria ao systema de ensino

que pode convir a um povo livre como o nosso.

Respeitemos esse estatuto, Senhores, porque é lei, mas nem por isso deixemos de protestar contra elle.

O ensino quer liberdade e incentivo e o nosso estatuto da-nos oppressão, rigor e... e uma carta em troca do nosso ouro, desgostos e sacrificios, uma carta que em vez de ennobrecer ao academico que a recebe, o degrada muitas vezes a seus proprios olhos, porque o força ou á renegar as suas crenças politicas, ou a dar um juramento falso!!

Senhores, acima de nós os homens da sciencia, como alguém já nos disse, só existe Deus, porque elle é a fonte pura da verdade e nós só procuramos a verdade. A sciencia, Senhores, não pode, não deve estar sujeita as formas governamentais; ella é tão livre como o pensamento, como Deus!

O pergaminho que uma corporação scientifica concede aos seus filhos dilectos, é um galardão ao seu talento, ao seu saber, mas nunca um simples possa porte para chegar-se aos cargos publicos: este o Estado concede.

O jovem de talento que frequenta uma Academia, que recebe dos seus lentes todas as considerações devidas ao homem de merito, em vez de receber com gloria o titulo honorifico com que a Academia recompensa os esforços dos filhos, com tristeza recebe-o, porque elle não é concedido ao homem scientifico, mas sim ao cidadão que apenas jurou manter uma forma dada de governo! Eis, a sciencia, e o direito do homem talentoso dependente de um facto, de um juramento!

Quando o academico se appresentar exigindo um cargo publico, exige d'elle tambem um juramento, pedi-lhe a fé á forma de governo, mas quando elle se appresentar diante de sua corporação para ser laureado — não!

Ahi respeitai a intelligencia; concedei-lhe aquillo que elle tem de mais caro, a liberdade de pensar! Oh! como exige-se de um academico no momento mesmo em que elle recebe o baptismo da sciencia — a apostasia de suas crenças, a negação de principios luminosos que elle aprendeu

nos grandes mestres, nos seus livros?!

E' o mesmo que no momento de dar ao homem na pia o baptismo da religião do Christo, exigir d'elle a negação das verdades do Evangelho.

O juramento que se exige do academico é um luxo de poder, um capricho de impôr, ou um desejo de corromper.

A nossa Academia, meus collegas, que podia ser o centro litterario do Paiz occupa uma posição bem secundaria.

Muitas são as causas que para isso concorrem: umas provenientes de nós mesmos, outras do governo.

A ordem do estudo das materias, a necessidade de um curso de Jurisprudencia independente, o egoismo, a falta de uma Revista, o isolamento em que vive o estudante sem ter um braço poderoso que o guie e um nome conhecido que o mostre ao povo, ainda hoje mais propenso a julgar pelas apparencias do que pela realidade, são senhores, as causas do nosso atraso na litteratura.

N'essa quadra mais bella da vida litteraria do homem, dos 18 aos 25 annos, o academico é muitas vezes obrigado a quebrar a penna de litterato, porque o curso de direito rouba-lhe todo o tempo, e muitas vezes é obrigado à esse sacrificio porque tem de obedecer a vontade soberana de um pai! Si o curso estivesse dividido outra seria a litteratura academica, porque então o curso de Sciencias sociaes seria bastante para dar ao litterato um pergaminho que o habilitasse aos olhos da sociedade ainda tão parva.

Alguns dos Senhores lentes zelosos da missão dos magistrados talvez não louvem aquelles que se dedicão á litteratura de preferencia ao Direito; mas a Academia nada perde honrando-a com as suas distincções, porque elles podem lhe dar muita gloria, embora não sejam profundos civilistas, ou admiistradores.

A Academia de S. Paulo que tem todos os recursos para ser o centro litterario do Brasil, não é porque o egoismo altaneiro a domina.

A mocidade trabalha, mas o que pode ella fazer inexperiente sem ter quem a guie? Quasi nada.

Portugal tem hoje uma litteratura por-

que teve Garret: tem um Herculano, e Garret que a frente da mocidade deu a Portugal uma litteratura; Herculano, esse grande escriptor, cujo nome para a mocidade portugueza symbolisa a sua litteratura brilhante!

A nossa Academia, que pode orgulhar-se de ter em seu seio talentos que honrão a nossa patria, e que honrarião a outra qualquer, nem tem uma Revista sua!!

Nas Universidades de outras nações publicão-se importantes Revistas que são como disse o sabio—*lanternas da verdade*, que illuminão as nações, elevão os sabios, animão os academicos e facilitão-lhes o estudo.

Senhores, não são essas pequenas Revistas que publicamos, pelos nossos esforços que hão de dar um nome a Academia. Esses jornaes que por ahi apparecem como fogos fatuos em noite plumbea nas charnecas, quando muito servirão para attestar que alguns academicos de hoje ainda trabalhão, mas sós e isolados.

Perdoai Senhores, a comparação, mas ella é legitima; com a differença, porem, de que se esses fogos são resultados das exalações miasmaticas que logo depois se desfasem ao contacto da athmosphera, esses jornaes são de talentos brilhantes que desanimão na lucta como egoismo de uns e a iudeferença de muitos.

Geração academica de hoje o que tendes feito do legado sublime que herdamos das gerações que nos succederão?

O que é feito das filhas queridas da quelles que com tanto enthusiasmo trabalharão pelas lettras patrias? O que é feito do theatro das glorias de Alvares de Azevedo, Corrêa de Sá, Felix da Cunha, Simplicio de Salles, Castro e Silva, Marcondes, Pereira da Rosa e tantos outros?

Eil-as abatidas e vassillantes! O dia de amanhã em vez de ser o futuro cheio de glorias, talvez seja para ellas a eternidade do esquecimento. E para vós?

Para vós—o desprezo daquelles que ainda vivos conservão a fronte cingida com a corôa dos louros ganhos aqui, neste lugar tantas vezes theatro augusto de suas glorias! Para vós o remorso, movido

pelas sombras desses genios que aqui brilharão e que hoje alem tumulo vos contemplão! Para vós, a maldição das gerações academicas que tem de succeder!

Os academicos de hoje, como as vestaes dos tempos idos do paganismo, devem velar incessantes para que se não percão as glorias litterarias que as gerações passadas legarão.

Quando a nossa patria principia á conquistar á Europa um nome glorioso nas lettras, nas sciencias e nas artes, não sejamos nós, que temos sempre desfraldado em frente a bandeira nacional do progresso litterario que formemos hoje sem fé no futuro a retaguarda do exercito valente dessa conquista civilisadora.

Trabalhemos, Senhores, para que algum sabio viajante possa dizer de nós os academicos, o que Solon disse da mocidade espartana: aqui está o germen de um grande povo!

Está aberta a sessão.

DISCURSO.

DO ORADOR DO ATHENEU PAULISTANO O
SR. RODRIGO OCTAVIO DE OLIVEIRA
MENEZES.

O homem não é completo, não é tudo que pode ser, nem produz tudo de que é capaz, senão na mais completa liberdade.

AIME' MARTIN.

Quando cançados das mesmas fadigas, contentes das mesmas alegrias—dous irmãos, apóstolos das mesmas ideias—por acaso encontrão-se no meio desse vasto mundo, que tem por poente—o infinito para onde caminhão, e por nascente o finito donde partirão!—oh! só Deos comprehende a philosophia desse encontro; só elle intende a ternura desse abraço instinctivo dos dous irmãos!

Na philosophia deste sentimento acceitai pois, Senhores do Culto á Sciencia, o abraço, que vos estende vosso irmão—o Atheneo.

Só depois do abraço é que o homem

se reconhece: até então são duas aspirações, que se encontram: é a ideia actuando fora do homem; porque o espirito escapando-se da materia a tem deixado sem vida—para ir até junto á Deos. Ha nesta alegria uma dor sancta: é que o Deos do Synai olha para sua obra, e lança sobre a humanidade a benção do Golgotha! E' que o espirito lembra-se que é homem, e não sabe á quem pedir o perdão;—si ao Homem—si ao filho do Homem!. . .

Eu vejo, meu irmão, que vossas vestes estão rôtas, que vossos alpercates estão cubertos com a poeira da vida, e que tendes a larga frente cavada de sulcos, como si fora ella a superficie do oceano do pensamento!

O vosso retrato é tão bem o meu—com a differença—que sou mais velho; sentemo-nos pois e conversemos.

—A onda do caudal Amasonas, como a limpha tenue do regato, que serpeja desconhecido antes de entrar para a vida da grande communhão dos mares faz primeiramente a perigrinação, que vai de sua fonte—berço isolado no meio das solidões—até o Equador—esse forum universal de todas as aguas.

Quem quiser pensar, deve pois á similhaça da agoa do rio fazer tão bem a sua perigrinação: porque so então terá obdecido ao conselho do poeta grego; so então terá conquistado essa sabedoria de OEdipo.

E' durante essa romagem que se vê os combates da historia; que se apanha as inducções da sciencia; que se comprehende a necessidade de uma fé; que se aprende a politica, e que sem nos degradarmo-nos não confundimos com o animal, nem loucos nos acreditamos—Deoses.

E' pois com rasão que commettem nossos paes a ingratição de—mal começamos á atear os primeiros passos—abandonar-nos entre as seculares e eternas ruinas desse grandioso e sublime berço e tumulo dos primeiros vagidos da humanidade.

Na urna do tempo ahi jasm guardados os restos—espirito e corpo—de nossa arvore genealogica: e nós os filhos do pensamento temos uma lagrima, que ahi

derramar, e mais que uma licção á aprender.

Foi essa a terra que primeiro o Deos de todas as tradicções pisou; que recebeu a primeira offrenda do trabalho humano, e d'ahi ainda foi que o Christo fallou ao mundo.

Quando diceste que—o Oriente é immovel, porque elle devia ser a fonte eterna de nossos destinos progressivos—desconheceste, Ballanche, que ha uma lei geral e immutavel para tudo que tem a mesma vida e a mesma natureza. O sol do oriente offuscou-te, e não podendo distinguir o que ia alem de seus reflexos, viste a sombra de um edificio; te contentaste, e diceste:—« o solo sobre que se edifica não deve tremer. »

Desconheceste tão bem que uma circumstancia não é tão absoluta—que destrua uma lei geral, venerandos—Montesquieu e Cousin, e sabios condemnastes a eternamente viver immovel sob o ceo de Brahma a terra predestinada de Budha! fisestes do oceano um throno e nelle para sempre assentastes—o seu primogenito! deixaste-vos arrastar pelos cantos sentidos e perfidos das bellas sirenas, e poetas mentistes a vosso Deos, porque tão bem acreditastes na eternidade do *loto indico*!

Ah! vosso semblante se intristece, irmão? Não é tão bem dado á agoa do rio, que uma vez tocou ao oceano, retomar á sua origem por um caminho certo: ella não poderá diser, passados tantos seculos;—daqui brotou a corrente principal.

O tempo em seo caminhar pousou, talvez, ahi um de seus pés; e então só fica uma lembrança, uma generalidade.

Acceitemos pois este primeiro desenganho, e por entre as esperanças das conquistas futuras, deixemos que passe essa incertesa com os seus braços de uma duvida legitimada.

Deixemos que Moisés lucte com Zo-roastro; que Platão, sonhe; que Bailly divirta-se; que Jones debata-se; que Roth—; o allemão—passeie pela Ariane que Buffon adiante de todos se afunde por esses tempos sem memoria. Deixemos os mineiros da philologia historica,

á cada momento encontrado mais uma duvida, mais um enigma á decifrar nesses bronzes e marmores arrancados do seio das ruinas para a luz desconhecida do seculo. Si seu amor não é o fanatismo encontrarão elles algum dia a recompensa de todas as dedicações, a santificação de todo trabalho.

Por enquanto escutemos de Humboldt —o mestre— a sua ultima palavra— « A historia, em quanto apoiada no testemunho humano, não encontra povos originarios, nem a sede primordial da civilização; ella não admite esta physica primitiva, nem esta sciencia revelada da natureza, que mais tarde teria sido suffocada pelas trevas da barbaria e do peccado....

Mas, elle mesmo, reconhece que pelos longinquos horisontes da antiguidade a verdadeira sciencia historica ja tem descoberto o brilho simultáneo do Egypto, de Babylonia, e Ninive, de Cachemira, Iran e China, que como pontos luminosos crusão entre si a luz de seus raios.

Seja isto o nosso consolo, e si não bastar lembremo-nos, que de Roma se vae á Grecia, da Grecia ao Oriente! Os Hellenos erão d'ahi: forão os traços de sua emigração apagados pelos ventos do sul; mas um momento houve, em que a Judeia estremeco ao contacto de todas as vidas moraes, como intellectuaes, ficando sempre um ponto eternamente luminoso.

Abatido pelo meu primeiro desgano encostei-me triste junto á urna das verdades eternas, e consultei o genio das civilizações.

Então por diante de mim passarão sombras não sei de que corpos, e do profundo concerto das eras transactas partirão sons tão sumidos e lamentosos, que tocavão ao coração. Os homens dos primeiros dias forão poetas, porem poetas escravos, de um duplice captiveiro.

Escravos de si mesmo pela prostração do extase, e escravos do primeiro senhor, que lhes appareceu fallando de uma lei creadora, de um principio divino, no qual tinham elles fracos necessidades de crer.

D'ahi a theocracia com todos os

seus sacrificios de sangue, com todos os seus deuses mentidos com todos os seus misterios impenetraveis—povo sem Estado, porque não havia a vida publica.

D'ahi o despostismo—o direito do mais forte—a força substituindo a divindade, e o homem feito Deos. Tudo era ainda trevas; mas já era uma conquista—porque já se tinha o direito de caminhar nas trevas.

—D'ahi tão bem este absurdo para a vida social e politica, como civil:

—A legislação era o dogma, a moral era o dogma, a philosophia era o dogma, a litteratura era o dogma, só a arte não era o dogma—porque ella era o sentimento negativo do mundo exterior.

O fim do homem é o seu desenvolvimento na associação: associação não havia, e por isso a civilização antiga nada mais foi que o reflexo das religiões de então.

Religiões—poemas, canções do espirito tornado poeta diante da magestade da natureza—ellas passarão por diante dos seculos na forma de imagens e phantasmas—revelações da fé nos limites do tempo.

Agora Indra—pela luz; e Djemischi—pela palavra; depois Brahma—pelo oceano: o brahmanismo é o antigo testamento: algum philosopho ja chamou á Budha o Luthero do Oriente.

Depois—Fo—hi pela escriptura *immutavel como os astros fixos*; Isis—pela Sphinge; Belier pelo amor universal mystificado em Mylitta e Thammuz; e Orpheo pela lyra—tiranizando a natureza.

Por outro lado a philosophia—essa religião da natureza divinizada—não descansava: ella caminhava cahindo e derubando, construindo e destruindo, errando e acertando; mas ella caminhava sempre. O mundo exterior foi seu ponto de partida: a humanidade estava longe.

Quando o espirito acorda—não pergunta á si—quem elle seja, donde veio, nem para onde tem de seguir: primeiramente elle estuda o mundo que o rodeia.

Esta é a marcha natural do pensamento: a intelligencia não tem outro cathecismo.

D'ahi a moral da observação, a philosophia da prudencia, e seus apóstolos, os juris-consultos da iniciação revolucionaria da philosophia social.—Confucio—*o administrador philosopho*—Pythagoras—*o filho—de Apollo—o primeiro philosopho—o primeiro sabio*—o mestre nos oraculos—o discipulo das esferas. Democrito—o cosmopolita anti-social; Gorgias—o sophista olympico; Socrates e Platão—o mestre e o discipulo—a alma e coração—a consciencia e a imaginação—o amor e a paixão—a terra e o céu, o sabio prudente e o sonhador temerario; Aristoteles—o preceptor e ao mesmo tempo, discipulo de Alexandre; Antisthenes e Diogenes os cynicos; Zenon e Marco Aurelio os stoicos sublimes por suas inconsequencias. Aristipo—*o estrangeiro em toda parte*—por contraposição á aquelles que erão cidadãos em toda parte—Aristipo o sensualista foi tão bem um apóstolo.

Alexandre—o meteoro de fogo e sangue—tão bem passou—grego vestio-se á persa—: não foi um apóstolo foi um instrumento, mas um instrumento providencial.

A poesia, o theatro, e a historia devião tão bem occupar um logar distincto no comicio dos obreiros da civilisação, e Homero, Euripedes e Thucydedes passarão grandes como a poesia, missionarios como o theatro e juizes como a historia!

As ideias, como o fructo muito tempo conservado na arvore depois de maduro, apodrecem e tombão. Muito ja havia que o clarão—do deserto prenuncia da luz eterna—tinha-se dissipado ao sopro contrario das brumas de Chanaan—para triste e baço ir avivar a lampada profanada do Templo. Os cultivadores da terra com seu arado de bronze ja tinhão rotiado os campos; mas os seus sulcos erão pouco profundos, e elles tontos ja brigarão em procura da semente, quando descido dos ceos appareceu o cultor divino. Nem todos as presumpções cederrão; mas bastou que elle olhasse—para que tudo se completasse.

Os sulcos abrirão-se sem fundo; as sementes apparecerão; as terras cobri-

rão-se; atraz d'Elle o passado estrebuxou e morreu; a estação aproximou-se, e na direcção de suas vistas o futuro florio!... Revolução sublime!

O mundo passou por uma reconstrução! A gloria do Christo voou em todas as brisas; fallou em todas as tempestades; repercurtio em todos os echos.

As intelligencias afogarão-se nos raios de sua luz—e a liberdade surrio-se!

Os povos estremecerão de amor e a fraternidade foi uma lei! Os thronos abalarão-se; os reis encontrarão-se os mais mesquinhos d'entre os intimos—e a igualdade foi um decreto!

Maldito seja o Christo! e o tyrano pisou no Crucifício, e tres veses esgotou a taça de sangue; mas de seus labios, escumenticos, e ao surdo baque de um esforço de cholera o grito agudo e descompassado do blasphemo ferio o espaço:—Venceste Gallileo!

Cadaver insepulto ahi jasia uma existencia de 400 seculos; mas o Christo piedoso com as mãos divinas cavou-lhe, a sepultura, e dando-lhe por epitaphio o perdão, por mausoleo a cruz do martyrio que sanctificou com suas angustias, com suas dores, com suas lagrimas e com seu sangue!....

Spartaco ergueu-se da sepultura, cravou os olhos na capa fluctuante do Christo e foi dormir o somno da apotheose!

Vejo, meu irmão, que o Sol ja vai longe pelas encostas do poente; que é tempo de retomar o meu bordão de peregrino, e que os nossos outros irmãos hoje reunidos em vosso festim litterario palpitão de enthusiasmos por vos contar tão bem o que tem visto: si menos que eu tem elles andado, tem porém mais aprendido.

Eu tenho muito andado, e muito tenho visto. Quizera apontar-vos os nomes e a historia de alguns desses grandes genios astifices do pensamento; quizera ler-vos algumas das paginas dos tres grandes livros sociaes—a revolução religiosa—a revolução civil, e a revolução politica.

A revolução religiosa..... ah! Roma! cidade eterna, terra duas vezes libertecida! Vendeste a Republica ao ou-

ro de Cezar, e Samuel da Lei nova ungiste com o oleo sagrado ao Saul do Christianismo, e contra os preceitos do Senhor, deste á Pedro o que era de Agag!...

Ah! Roma! Roma pecadora quebraste o encanto da bella virgem dos sonhos de Schiller! trocaste-lhe as vestes do subtil vaporoso pela seda mercadeijada nos balcões da agiotagem! Desterraste a poesia da alma dos crentes, que em balde procurarão a Virgem de seus amores pelos valles, e montes e varzea, em quanto que ella escrava tem agora as niveas mãos occupadas em apanhar o sangue gottejante do cadafalso na praça de S. Pedro.

A revolução civil preza por um lado á politica e por outro á religião—ahi caminha inconsequente, absurda, e sem ser o que devia ser.

A revolução politica é a conquista do vinho e do pão do pensamento. Onda sempre crescente ella já cobrio com suas agoas as ameias e setteiras das torres feudaes, e em um momento de impeto arrojou por terra o throno, os relevos, as tradições e a cabeça de um rei homem bom!

Sempre provocada pela philosophia ella não obra sinão por uma ideia: como toda ideia ella não sabe capitular com seus direitos: ou vence, ou é vencida: si vencida ganha mais fé no futuro e espera. A justiça é a causa das revoluções, e todo revolucionario um jurisconsulto, um pontifice, disse-o um sabio Italiano. Nas Horas de Trabalho do grande pensador da democracia ja considerastes n'aquelle Camillo Desmoulins de semblante espavorido, cazaca desabotoada, calções curtos, e çapatos de fivelas, chapéo redondo de abas largas e facha tricolor cahida a direita—atravessando rapido as galerias do Palacio Real?

Vistes *n'um inferno vagabundo*, levados pelos ventos do espaço á Robspierre, á Marat á Vergniaud, o auctor, á Barbaroux á Saint Just, á Desmoulins—cada um tendo sua primeira cabeça na mão, como uma lanterna de odio?

Vistes depois que anjo das absolvições divinas, que pesa sobre tudo as intenções, passando diante delles deixou bater-lhes

nas fronteas um raio de seu sorriso... vistes á Marat chorar de vergonha, Robspierre de arrependimento, Vergniaud de enthusiasmo e todos em coro entoarem a *Marcelheza do amor*?

Nessas paginas eloquentes do missionario democrata acha-se tudo que eu quizera dizer. *Deos é espirito, e é preciso que aquelles que o adorão, o adorem em espirito e em verdade (S. João.)*

Subindo aos Ceos deixou Christo e na terra como suas universaes testamenteiros á tres idéas—Justiça, Instrucção Liberdade. Mas as ideias obrando no espaço, no tempo e ao mesmo tempo actuando na intelligencia do homem, tem encontrado a este muitas vezes pervertido; e por isso, ao contrario do de Cezar, ainda não foi seu testamento executado.

Oh! si eu vos pudesse repetir a historia desses tres archanjos virgens! si vos pudesse narrar as suas hecatombes de todos os annos, seus supplicios de todos os mezes, suas dores de todos os dias suas injurias e escarneos de todos os momentos!... si vos pudesse descrever a venda de ferro com que é á todas as horas arrochada a cabeça divina da Justiça!... si vos pudesse pintar as torturas, com que em todos os concilliabulos é martirisado o archanjo risonho da Instrucção!... si vos pudesse pintar os grilhões de todos os ferros, as mortes testemunhadas por todas as praças publicas, e por todos os subterraneos; a obra nefasta de todas as cilladas, e de todos os campos de batalha que tem nodoado os pulsos deveis e ferido o corpo celeste desse anjo dilecto—a Liberdade!... Si vos pudesse fallar das lagrimas, que os tres archanjos irmãos tem derramado em todos os marcos de sua existencia!.. oh! seria muito longo! A obstinação caprichosa do crime é o peor de todos os demonios! Quando quererá o homem ser a obra de Deos?! Não importa. As tres irmãs não podem morrer. Archanjos sonhados pela mente do poeta da Cruz—ellas eternas vivem em seu seio, immortaes caminhão e conquistão providencias, revolucionão, instruem e libertão. Uma revolução nos deo a independencia: outra revolução no-la assegurou. Não é menos

i mportante que o 7 de Setembro o 11 de Agosto. Um foi o verbo,—o outro a luz; o sacrificio de Isac seria a sêde eterna do Tantaló, si o Christo não apparecesse.

Colocastes a vossa tenda, meu irmão, junto á este marco de nossa existencia politica não sois somente o seu guarda:— Sois o pescador predilecto-o filho de Bethsaida. Sêde forte e energico, o sangue da Cruz resfriará o calor das fornalhas de Domiciano. A sciencia vale bem o martyrio. Adiante, lá.. longe não vedes? é o rochedo do desterro, é a solidão do homem; mas é o consorcio divino do espirito com Deos: é a musa do Apocalypse. Instrui e educae. Não vos deixeis fascinar pela politica do interesse e das trevas: não troqueis o vosso nome pelo da posição: essa politica é o bosque encantado das perfidas visões do Tasso! Instrui e educae, que o clero saberá ser o senado das promessas do Filho do Homem; o magistrado o oraculo da Justiça. Instrui e educae, e o camponio saberá arrancar do seio de nossas terras perdidas o suor do rosto fructificado no pão da existencia. Instrui e educae, e o povo saberá ser cidadão, e a imprensa terá necessidade de ser moralizada. Instrui e educae, e formareis a opinião publica e o voto essa moeda da democracia não será nem um favor, nem um genero de mercadoria. Instrui e educae e a liberdade e a ordem viverão como duas irmãs germanas, e a soberania será uma legitimidade alem de um direito. Instrui e educae e a justiça deixará de ser uma revolução para ser uma divindade. Instrui e educae e rehabilitareis as consciencias decalidas pela unidade do sentimento, e pela fraternidade nas letras.

Cultor da sciencia, não vos esqueceréis que sois homem, e ressuscitado na vida instruireis e educareis tão bem á esses miseraveis, que filhos da *miseria*, do *desespero* e das *trevas* tem como lei a dor, e como liberdade o crime! oh! é bem desgraçada a condição do homem, que tem por destino a fatalidade do crime sem a irresponsabilidade da machina!

A escravidão? ! Conjuuro diabolico das potencias do inferno contra Deos, e contra o homem!....Justiça para elles:—*a mão*

de um amigo jámais tocou a sua! para elle não tem o ceo estrellas, a lua poesia, nem as flores do campo o perfume da vida! Justiça! Homem elle ha tido fome, frio, sêde, dor no corpo, e o inferno no espirito! e nem ao menos tem-se-lhe ensinado a religião do soffrimento!... oh! é esta uma verdade tão sabida, e uma dor tão sentida—que é barbaro lembralla!

Avante pois! a vossa missão é nobre, é sancta.

Instrui e educae! que sereis o benemerito da patria; e ella tem direito e precisa e implora e espera que pela instrucção definaes as crenças e pela educação resgateis a moralidade.

Só então seremos um povo; so então adoraremos o Christo em espirito e verdade.

Só então a democracia será um templo, a liberdade um hymno sancto, e a paz e a prosperidade nacional uma ressurreição continuada!

Fraço interprete para as grandes ideias, pequeno para bem exprimir os sentimentos de uma forte emoção permitteis irmãos que ao despedir-me, de vos eu parodie o pensamento do filho do grande proscripto do seculo.

Oh! moços! moços! vós todos meus amigos, vós que tendes crescido ao mesmo tempo que eu sobre os bancos desta Academia, e que vos tereis de dispersar pela vida,—aqui vos conjuro em nome dessa camaradagem que aproximava Horacio de Hamlet! Não vos deixeis desnortear pelas ephemeras reacções da materia contra o espirito; vos todos tendes grandes couzas a fazer, grandes ideias a realisar. Ah! vós que tendes o encargo do futuro, não falteis a vossa missão; não vos deixeis desviar do fim supremo pelos obstaculos, que o mundo lançar em vosso caminho: interesses ou prazeres, penas ou alegrias. Ficae para sempre fieis a santa causa do progresso; sede firmes, intrepididos e magnanimos, e se alguma vez vencidos cahirdes na luta morrei antes á mentirdes a vossa missão.

Olhai bem! e pela mais fria noute de inverno ao pallido clarão de um céo estrellado vós vereis passar armado de

ponto em branco com o bastão do comando na mão este spectro de cabellos brancos, que se chama—o dever. Para o dia da victoria como para o dia da minha queda, eu ja tenho a minha cruz—Deos Patria e Liberdade!

DISCURSO

DO ORADOR DO CLUB-SCIENTIFICO.

..... e vestia uma roupageim branca salpicada de sangue, e o seu nome, porque se apellida, é o—Verbo de Deus.

(S. JOÃO—APOCALYPSE.)

Senhores do Culto á Sciencia, aqui vem mais um romeiro da verdade, tambem traz o manto rôto, peregrina para o infinito, e traz na frente a poeira do caminho. E' tambem um pensador. O Club Scientifico accudiu ao vosso reclamo, e hospede do saber acceta o assento de vossa meza civica. Ouvi-me:

Senhores, o noviciado da sciencia é um martyrio. O homem desperta no Eden, e, ao colher o primeiro fructo da vida, cahe fulminado pela maldição divina. Seu pesadelo esvae-se ao clarão fulgurante da espada do anjo, que cerra-lhe as portas do paraizo. A primeira gotta de sangue borrifa-lhe a frente, ao grito da natureza, que se rebella. Entre Cain e Abel—a paixão do orgulho ergue o primeiro degráo da escada do inferno.

Profugus eris: eis o mytho christão, e o homem caminha, fadado ao pranto, á dor, á lucta e á morte.

Onde quer que a rasão se eleve, onde quer que a sciencia appareça, uma voz satanica se levanta, a corôa se trança, a cana se prepara, rangem ferros, e a realza do saber expira no calvario escarnecida pela ignorancia. Cada pagina do progresso escreve-se com o sangue dos martyres, e o horto das Oliveiras é a tribuna dos apostolos.

Entretanto o espirito caminha, a terra foge, rasga-se o véo, o céu baixa, e o infinito se approxima. Os filhos das trevas,

os philisteos dos tempos, os pregoeiros do *statu quo* vegetão na miseria, estorcem-se na evolução pneumatica da pura animalidade.

No organismo social agitão-se os partidos: aqui—o hosana, ali—a imprecação. Combater! ou a vida ou a morte:—eis o fadario do emissario da idéa.

A' sombra da lei, pela toga do magistrado, vislumbra o punhal que rasga as vestes brancas do homem honesto, do character firme, que tem apenas um crime: a convicção até o martyrio, a independencia—quasi-delirio.

Não importa! os seculos passam; o céu muda-se, a terra se transforma, e a idéa é immortal. O carcere soffoca muita vida de homem, secca muita fronte de sonhador; porém a tradicção cahe, o despotismo se abate, e os thronos arbitrarios rojão pelo lôdo. Houve um tempo em que a imprensa era um crime, o saber—magia, a palavra—rebellião,—e a doutrina da verdade:—a masmorra, a tortura, o sangue e a fogueira. O pensamento era surpreso, a idéa incarcerada, e a Inquisição—o ultimatum do apostolado.

Entretanto, qu' é da Inquisição? perguntai-o á Hespanha, e um cadaver responder-vos-ha, apontando um tumulo:—eil-a!

O pensamento mata a barbaria.

Houve um tempo em que o povo era nada, seu direito uma ousadia, seu pranto um crime, seus privilegios:—a infamia, a servidão, a fome e a miseria. Erão os bellos tempos da realesa divina!

No entante, Senhores, qu' é dos reis por graça de Deus, o phantasma tardio de uma tribu, clan, familia ou classe que se degenerára? Interrogai á Revolução francesa, e a guilhotina responder-vos-há.

Eis ahi, vedes, um rasto de lagrimas segue o carro do progresso, e, para conquistarmos um palmo na sciencia, força nos é saltar pelo cadaver de nosso irmão.

De joelhos, choremos nossos martyres que penarão; Prometheu, Socrates, Galileu que tiverão seu Golgatha de Christo. Brasileiros, neste dia solemne, no anniversario do saber, juremos vigiar pelo arido Gethsmani?

E' um legado fecundo o que nos herda

o passado, é um montante pesado, não é, bem vedes, um braço feminil que o deva vibrar.

A geração actual nasceu á sombra da liberdade, saudou—o Brasil—Nação, e educa-se na seiva animadôra do pensamento, do voto, e da constituição.

Qual será seu destino?

Aquelles, que ainda hontem, sentavão-se nestes bancos, que vinhão, como hoje fazemos, saudar a liberdade e a sciencia, lá estão no grande tribunal do paiz;—sua convicção não falha, seu idéal não morre, e sua voz de valente aterra os philistens da epocha.

Pois bem, Senhores, são nossos irmãos; pertencem, tambem, ao bando sagrado; quanto á aquelles que tem para nós o ostracismo, que querirão ver nos servos de gleba, em nome da patria, da sciencia, e da virtude, á elles duas palavras:

A geração presente surge cheia de vida, e de esperança; sua fronte expande-se ao céu da patria, vertiginosa; seus ouvidos despertão aos sons queixosos da população, que soffre. Em sua alma ha risos, festas, crenças, futuro e generosidade. Como, pois, exigis que seus labios se cerrem, e que se não movão suas mãos? Quando o paiz tornou-se feudo de alguns, arsenal de sinecuras para as mediocridades que mais rivalisão na bajulação, no cynismo e na crapula politica; quando um septicismo frio, triste e desolador eleva-se impudente no mundo do sentimento, da moral, e do patriotismo, porque suffocara a crença que palpita, a dignidade que reprova, e a mocidade que renega taes vilesas? E' do espectaculo desses escandalos, que por ahí se patenteia, é, por ventura, do mutismo estúpido, que entretem os apostolos do servilismo, os pregoeiros das vilanias, videntes de tempestade, que nascem a reprovação sincera, o protesto sublime, e sancto horror da especulação, da miseria do poder, e do somnambulismo monetario —por parte d'aquelles que vêem, na nudez hedionda, as abjeções da patria amada.

O nosso edificio social necessita robustos hombros que o sustentem e não são os eunuchos de palacio, os servos ad-

crepticios ás posições lucrosas, os que força tenham para sustental-o.

Em um regimen de liberdade, onde ha o mandato nacional, e a soberania brada por sua effectividade, todo aquelle que se cála, crusa os braços, deixando passar, velados em sudario, os principios puros, que devão levar o paiz, dirigindo o povo para o idealismo social, commette um crime, torna-se cumplice no suicidio de uma nação.

A patria não é só o monte, a terra, o sol, e o céu—onde surrimos á saltar em vida; nem é tão pouco a área estensa de um territorio feliz; o que tem nome de patria é antes o complexo de sentimentos moraes, a uniformidade de inspirações, que prende, em absoluto, os membros de uma nação.

E' a unidade no ideal progressivo, uma força interna cedendo á um grito de nossa alma que diz aos filhos de um territorio: vivei para elle.

Não se leva a patria na sola dos sapatos, muito menos ainda será possivel comprehendel-a sem communhão de aspirações, rivalidade em serviços, e uma tendencia vehemente por engrandecel-a, vivifical-a, e entrançar-lhe uma corôa soberba.

Ha ahí nada mais bello que a rivalidade de Aristides e Themistocles—filhos de Athenas, e diante do interesse de Athenas conciliados?

A patria é um altar; todos os crentes devem dispor-lhe aos pés seu obôlo de offrenda:—tanto vale a de Abél como a de Cain, não maldicto ainda.

Se assim é, como queriríeis que contemplassemos quedos a conspiração infame que contra ella se prepara? Quando filhos ingratos, na sede de gozo que os entontece, na vertigem do oiro que os deslumbra, pisão-na, calcão-na, cospem-lhe na fronte augusta, como não bradar-mos anathema?

Se quereis o silencio dos tumulos, a surda acquiessencia aos desvarios da philistria politica, erguei o tribunal da Inquisição, amordaçai a palavra, suffocai o pensamento, e puni as intenções; quebrai os membros ao Brasil tomai-lhe a alma, como se fez na Hespanha, envoltei a rasão na

capa; na estamena, e cantai hosana sobre o cadaver de um poço. E vireis, então, ao quietismo dos mortos, á mudez dos tumulos, espectros do inferno, partilhar os destroços da mãe commum.

Fasei como aquelle despota Russo, lá onde o azurraque é a razão dos reis, e a sancção da justiça, quebrai todos os espelhos para que não vejaes a ulcera que vos róe, a lasarenta face que tendes. Imitai, então, aquelle imperador devasso, peito de tigre, cerebro desvairado, que, apos fazer espatifar o corpo materno, dice, unindo o escarneo ao matricidio: nunca pensei que fosse tão bella!

Desenganai-vos, em quanto nosso estatuto constitucional, nosso codigo de leis, franqueiar-nos o caminho para o povo, nós que somos povo, amamos o povo, e seus direitos defendemos, como patrimonio nosso, tomar-vos-hemos pelas casacas, e voz forte, vos gritaremos ao ouvido:—não roubeis a joia da familia; Nero, não queimeis Roma para divertir-vos.

Nos paises livres, e lá na antiguidade, em que as palavras do Christo não tinham ainda humanizado na terra a idéa de igualdade, a mocidade educava-se nas praças, sentava-se nos banquetes publicos, e ouvia nos Comicios, ou no Agora a discussão dos interesses de sua patria; e foi muita vez ante seus olhos que apedrejou-se o espoliador, puniu-se a traição, e cobriu-se de recompensas o pai da patria.

Por que pois negar-nos um direito de assento á mesa civica? E' tão triste essa politica do dia que espante, e máu exemplo nos inspire? Então, rasão maior para que a vejamos, e possamos tomar melhor caminho, vendo o tremedal em que cahistes por essa má direcção.

Porque somos jovens, nada entendemos, e a ignorancia é o nosso passaporte?

Erro de vossa parte. Se não sabemos, bom é que nos disponhamos á aprender. Nem todos semelham-se á David, que com uma só pedrada derribou Goliath. Se a viagem é longa, o caminho escabroso, e o pouso longinquo, manda a prudencia que partamos ao amanhecer, e o que é o amanhecer? Não é a mocidade? E' dando, como cegos, que conheceremos o bom caminho.

Não é na imprensa official, nos asoprados artigos, que defendem vossos interesses, burilão em estirados panegyricos vossas reverendissimas capacidades, que havemos de descobrir a extensão de vossas orelhas de Midas; porque, entre nós, por um milagre da *oligarchia*, até os barbeiros são discretos.

Disei, ainda, ao menino que não olhe o sól porque pode cegar-se; que se não banhe antes de saber nadar. Rasgai todos os livros, levai o facho de Omár á todas as bibliothecas, supprimi os livros que fallão de Deos, na patria, e na liberdade para que não aprendamos á odiar o vicio, reproval-o, e declinar da autoridade immoral com que os patriarchas do escandalo, os leiloeiros de infamia tentão demonstrar-nos que o Brasil é muito ignorante, atrasado, e incapaz de soffrer o regimen da igualdade.

Creai um cathecismo—politico-latronum—arremedo lamoso de Machiavel, para que apprendamos á tomar albarda—como os burros;—á ver, ouvir e calar, vossos escandalos—emquanto atolados na lama nos gritareis, serodios,—que comer barro é santa couza!

Porque não olhais, antes, que a immensa trave, que tendes nos olhos, vos inibe de ver bem? Começai por atirar o manto çujo, que cae em tiras, tende ao menos attenção para com os vossos interesses.

Se, pelo contrario, a politica é um bello espectaculo, se entrão em scena sublimes themas porque nol-a occultar? Não é bom que a mocidade beba em boas fontes, e aprenda á respeitar o que bem mereceu da patria? mais sinceramente o progresso, quereis o desenvolvimento material e espirital da patria? Sonhais o esparsimento de luses, idéaes o adiantamento na diffusão de conhecimentos pelo povo, quereis dar o pão do espirito ás classes que esfaimão? Sois altamente collocados para que possaes dar ouvido justiceiro ao queixume, pranto, soffrer e aspirar dos governados?

Porque então, tentaes quebrar as ty-pographias academicas, accusaes os mestres por pregarem a verdade, e exigis o patronato do vicio, o silencio do escan-

dalo, e o concenso nos crimes? A politica é a arte de enganar o Machiavel sublime?!

Não; há um sophisma vergonhoso, occultas medrosos, a verdadeira causa desse puritanismo excessivo; tendes muito apego aos vossos empregos, adoraes com fanatismo as tetas á que vos prendeis; e a mocidade que olha ao longe, espera grandesas, sonha sublimidades, espantada de vosso governo de miserias, necessariamente indignar-se-há e vos cuspira na face de traficante o desprezo e á aversão!

Por um sophisma, digno dos passos de rei, obrais como os Chins em um artigo de seu codigo: permittis ás mulheres passeiarem calçadas pelas ruas, e sorrateiramente ordenaes que não se lhes deem sapatos.

Quereis hypocritamente o progresso: porque negais os meios de attingil-o.

Pois bem agora eu vos direi:—na construcção social de um povo, entrão elementos divinos, immensos e poderosos, que constituem sua virtuosa existencia; o creador sellou a natureza humana com o sinete symbolico, e atirou-a no espaço; apontou-lhe um roteiro, e segredou-lhe ao ouvido uma missão sublime:—esse cunho ou sello é o que se chama—perfectibilidade.

O primeiro passo do homem foi um protesto contra o poder fatal; veio depois o arbitrio, a oppressão e a prepotencia; mas em cada tópico de seu grande livro, em cada estadio de seu cyclo uma victoria assignalou o espirito de Deus, que com elle caminhava:—esse espirito é o progresso.

Da perfectibilidade vem o progresso, do progresso a lei, a virtude—a realisacção do elemento divino no organismo social. A lei, a virtude, e o divino repugnão com a oppressão; antagonisção, luctão, e triumphão, derribando o que se antepõe á seu progredir para Deus. Esse antagonismo é a preparacção, essa lucta a revolução, esse triumpho a liberdade.

A perfectibilidade, o progresso e a liberdade, eis a trindade divina que se prende entre si nos laços da sancta solidariedade. As muralhas, os bastiões,

os castellos, os palacios, cairão diante della:—cuidado, Mazzepas politicos, cuidado, nem todos teem os pulmões do filho da Ukrania.

Theodomiro.

DISCURSO DO ORADOR DO RECREIO INSTRUCTIVO.

SENHORES!

A luz é a palavra da natureza, assim como a palavra é a luz da humanidade;—dice o Quinet no seu—Genio das Religiões. E com effeito, Senhores, é por meio da palavra e da imprensa que mais elevados destinos serão outorgados á nossa patria; é por meio da palavra e da imprensa que o Brazil hade erguer-se possante e magestoso infundindo assim respeito e veneração a Europa já decrepita; é enfim por meio da palavra e da imprensa que este vasto imperio da America do Sul hade—revelando suas instituições sabias e prudentes—plainar acima desses povos illustrados que figurão nas paginas da historia da humanidade!

E como, Senhores—se poderia realizar tão ardua, mas gloriosa missão—se não com a creação dos Cursos juridicos, creação que vós hoje festejaes! Certamente não era outro o meio—porque é nesse foco de luz que se vem esclarecer as trevas de nossos espiritos ainda vacillantes.

E é exactamente por essa razão que legitimo e muito justo é o entusiasmo de que vos achaes possuidos, transcendente e sublime o motivo que vos reúne.

Mas quando a sociedade marcha devairada e incerta, quando as suas mais esperançosas intuições são falseadas, constantemente, quando da lei tem-se feito uma entidade nulla e sem prestigios quando enfim a liberdade é, na phrase de Alexandre Herculano, uma palavra mentida, cumpre que vós os chamados filhos da sciencia luteis e luteis muito.

O Brasileiro é, como dice um escriptor naturalmente intelligente porém é certo

tambem que deixando-se muitas vezes levar pelos prazeres da materia que lhes vem sopear os vãos altivos da intelligencia—cahem depois no somno profundo das fadigas—e então cada minuto que se passa é mais uma esperança que se apaga para a patria !

Entretanto forçoso é caminhar !

Que nos importa que no fim do jornada tenhamos, como diz Alvares de Azevedo, o manto do romeiro coberto com o pó das sendas ? !

Que nos importa que os homens materialistas nos lancem olhares indifferentes ?

Incolumes passaremos por entre elles como incolumes se conservarão os cedros seculares das nossas florestas quando a procella é passada !

Senhores, o «Recreio Instructivo» incumbio-me de saudar-vos no dia do nosso anniversario scientifico : eu creio ter cumprido a minha tarefa de accordo com a deficiencia de minhas forças intellectuaes e si não apresentei-vos em bellos trechos as entusiasticas impressões que minh'alma experimenta—é que a Associação que aqui enviou-me, escolheu de entre todos—o mais fraco.

Caminhemos pois animados pelo brado do progressista Pelletan que quando os nossas fronte se cubrirem com as alvejantes corôas da velhice—surgirá brilhante o futuro do nossa bella Patria, como esses Deuses nebulosos que surgirão ao primeiro olhar da aurora sobre as montanhas da Bactria.

S. Paulo 11 de Agosto de 1861

Joaquim Xavier da Silveira.

O Orador de nossa associação o sr. Luiz Fortunato de Britto Junior pronunciou na sessão magna do dia 11 de Agosto um bellissimo discurso cuja viva emoção que produziu ainda hoje dura. A rasão de os nossos Leitores não o verem estampado em nosso jornal, é terem as bellas palavras do distincto representante do Culto a Sciencia, sido o fructo de um improviso brilhante e eloquente.

(DA REDACÇÃO)

△ * *

(Em seu anniversario.)

Ah ! si j'avais des paroles,
Des images, des symboles
Pour peindre ce que je sens !
Si ma langue embarrassée
Pour révéler ma pensée
Pouvait créer des accents !.

LAMARTINE.

Como limpido regato na floresta
Placidos vão teus dias s'escôando
Tecidos d'ouro e seda
Ou qual flôr aos effluvios matutinos
Das auras emballada aos almos sópros
P'ra vida te ris leda.

Nessa fronte soberba, insonte e linda
Transluzem pensamentos castos, santos
De ventura e de amor !
Num oceano de sonhos e delicias
Incerta te vagueia a phantasia
Em poetico ardor !

Caprichosa a natura os seus thesouros
Virtude e encantos esgotou contigo
Tudo, tudo te deu !
O mundo te sorri, te anima, incensa,
E no mundo tu erês, e meiga o affagas
Com um sorriso teu.

E na côr te borbulha ind'alm'esp'rança !
E o quadro te deslumbra feiticairo
De um porvir venturoso ;
E na vida dormitas descuidosa
Qual do lago nas ondas indolentes
O cysne vaporoso !.

E's feliz; e eu quisera um doce canto
Um hymno entoar sublime, santo
Aos faustos annos teus !
Quisera flôres ter de matiz vario
P'ras tranças te adornar e perfumar-te
Com os aromas seus !.

Mas não posso denzella ! As flores todas
Que a grinalda de minha juventude
Odas e brilhantes enfeitavão
Uma á uma cahirão.....

Oh ! perdôa, donzella, ao triste poeta
Vir com o rude gemer turbar a festa
De tão alegre dia !
Quando a terra e o céu, a ave e a brisa
Em sublime concerto te decantão
De celeste harmonia !

Perdôa-lhe, e aceita os puros votos
Que faz á Deos
P'ra que sempre em prazer, ventura passes
Os annos teus.

C. THOMPSON FLORES.

ANGELO

OU

O LEPROSO DO BOSQUE DE BOLONHA.

*(Continuação).**Alberto.*—Arthur é?...*Angelo.*—Um homem indigno de vossa amizade! Não vos fieis nelle! Desconfio ou antes prevejo alguma desgraça eminente provocada por sua indole barbara (*longa pausa*). Certamente mostrase muito vosso amigo?*Alberto.*—E' verdade, trabalha para que continue a frequentar a sua casa.

Dizei-me o que devo fazer.

Angelo.—Deveis ser fanco para com elle! Dizei-lhe que jamais sereis seu amigo!*Alberto.*—Sem ter motivos?*Angelo.*—Tende-os de sobra. Aquelle duello....*Alberto.*—Já lhe perdoei tudo quanto elle me fez.*Angelo.*—E' mais uma prova que daes da vossa bondade! Ella perder-vos-ha.*Alberto.*—Seguirei os vossos conselhos (*A parte*). Meu Deos, que poder exerce elle sobre mim!*Alguem, fora.*—Alberto, Alberto!*Alberto.*—E' minha mãe, senhor; consenti que vá fallar-lhe. Serei breve.*Angelo.*—Fallae-lhe d'aqui mesmo.*Alberto.*—E' minha mãe (*Angelo vai ver*).*Angelo, voltando.*—Aquella mulher é vossa mãe?*Alberto.*—Meu Deos! o que tendes? empalideceis!*Angelo.*—Nada sinto. (*A parte*) Feliz accazo!*Dupin, entrando.*—Dá licença?*Angelo, baixo à Dupin.*—Dize que resolveo-se a ficar.*Dupin.*—Eu?...*Angelo.*—Já te disse has de ser homem d'Estado (*A' um sigal de Angelo Alberto sahe*).SCENA 4.^a

ANGELO E DUPIN.

Angelo.—Então?*Dupin.*—Está tudo prompto.*Angelo.*—O navio?*Dupin.*—Segue viagem para o Brazil.*Angelo.*—E a minha passagem?*Dupin.*—Está paga.*Angelo.*—E o Embaixador?*Dupin.*—Esteve hoje em casa de meu amo.*Angelo.*—Quantas horas durou a conversação?*Dupin.*—Duas.*Angelo.*—Sobre que fallarão?*Dupin.*—Sobre um senhor que desapareceo de Parma ha, disse elle, vinte annos, pouco mais ou menos.*Angelo.*—Sabes o nome d'esse Senhor?*Dupin.*—Dizem que se chama Angelo, e que é duque.*Angelo.*—Sabes quem é elle?*Dupin.*—Não, senhor.*Angelo.*—Desejas conhecê-lo?*Dupin.*—Talvez me fizesse homem d'Estado (*A' aparte*). Se lhe parece faça mais uma pergunta. Quem sabe se elle quer arvorar-se em mestre-escola de al-dêa? *Quatro vezes quatro?**Angelo.*—Sabes o meu nome?*Dupin, à parte.*—Safa! (*Alto*). Não, senhor.*Angelo.*—Chamo-me... Angelo.*Dupin.*—Sois o duque?! Corro a avizar....*Angelo.*—Espera! Ninguem deve saber quem sou e qual seja a minha familia.*Dupin.*—S. A. tem razão, chamal-o-hião impostor, assim como fizerão com o meu compadre Francisco Diniz de Grenelte morador em Versalhes e proprietario da floresta de Plessio Piquet.*Angelo.*—A tua admiração foi grande ao saberes que estes andrajos encobrião o que tanto se procura, o que Parma tanto préza! (*Pausa*). E' preciso que todos ignorem para onde vou.

Dirás aos que perguntarem por mim —Elle morreo para Parma, para sua mulher e seus filhos.—

Dupin.—S. Alteza...*Angelo.*—Mais baixo!*Dupin.*—Estou calado.*Angelo.*—E' forçoso deixar esta terra aonde, todo chagado, encontrei a felicidade. Dupin, vae ao bosque de Bolonha,

na minha cabana, ao lado esquerdo, encontrarás um botão calca esse botão e o que achares é teu. Ao lado opposto encontrarás, 5 palmos distante do meu leito, enterrado no chão, um cofezinho que entregarás a Alberto.

Dupin.—Parto já (*A' parte*) Será alguma carta de conselheiro?

Angelo.—Toma um luiz de ouro para allugares um animal.

Dupin.—Antes de S. A. partir eu desejava beijar-lhe as mãos...

Angelo.—Seria preciso fazer esperar o navio.

Dupin.—Sempre serei muito asno! O navio parte as nove horas em ponto. (*Conprimenta e sahe*).

SCENA 5.^a

ANGELO=SO'=

Angelo.—Deixar Paris, minha mulher e meus filhos? é preciso. Os papeis que forem encontrados no cofre provarão que sou o duque de Parma e que Margarida é minha mulher.

Todos respeitarão a Alberto, não só como poeta, mas também por descender do duque de Parma. Dupin será o successor do Embaixador de Parma!

SCENA 6.^a

O MESMO E ALBERTO.

Alberto.—Senhor, vós conheceis Margarida, uma costureira?

Angelo.—Não, mas desejo que me apresentes a ella.

Alberto.—Nacestes em Paris?

Angelo.—Sou natural da Italia.

Alberto.—De Parma?

Angelo.—S. Marinho.

Alberto.—Conheceis um ourives de Londres, chamado Jorge Garrik?

Angelo, á parte.—O autor do alfinete (*Alto*). Nunca estive em Inglaterra.

Alberto.—Como vos chamaes?

Angelo.—Miguel Luigi.

Alberto.—Podeis proval-o?

Angelo.—Alberto, com que authoridade me fazeis essas perguntas? Que interesse tens tu em saber que sou este ou aquelle individuo?

Alberto.—Desculpae-me, foi minha mãe quem me ordenou que vos inquirisse sobre estes pontos da vossa vida.

Formulou as perguntas e eu corri a obedecer-a.

Angelo.—Eu faltava a verdade: conheço mui de perto tua mãe, nasci em Parma, conheço Jorge Garrik e chamo-me Angelo; porem, ordeno-te que guardes segredo.

Alberto.—Senhor, explicai-me a razão porque ordenaes e não imploraes.

Angelo.—Porque quero.

Alberto.—E se eu não vos obedecer? (*Angelo ri-se*). Se eu disser-vos que sou livre?

Angelo.—O' juventude! ó vigor! ó liberdade! Calla-te, calla-te, mancebo!

Alberto.—Porque é que fico perturbado quando vos fallo?

Angelo.—Porque ha laços que nem a morte pode desligar, porque um filho treme ao encarar o semblante severo de seu pae! Vos sois meu filho... adoptivo. —Quero que fiques em Paris, que te cazes com a filha do conde d'Avrigny. Ordeno, tu me comprehendes! Quanto a Margarida, dar-lhe-has esta bolça e dir-lhe-has que não sou quem ella pensa. Aonde está ella?

Alberto.—Foi ao Templo. Devo ir busca-la as nove horas e um quarto.

Angelo.—Podes dizer-lhe quem sou. Convem que lhe falles a verdade: « um filho não deve mentir a seus pais. »

(*Dá alguns passos pela scena.*) Em que lugar está aquelle paletot de panno grosso côr de castanha?

Alberto.—No vosso quarto de dormir.

Angelo.—O calção do mesmo panno, o colete de acolxoado cinzento riscado, as meias de algodão, os sapatos com fivellas também lá estão?

Alberto.—Sim, senhor.

Angelo.—Nesta occasião dou preferencia ao modo de vestir da epoca de Luiz 15.^o (*A' parte*).

Alberto.—Ainda precisaes de mim.

Angelo.—Não.

SCENA 7.^a

ANGELO=SO'=

Angelo, depois de escrever.—Agora deixar Paris para sempre! França, Paris, Bolonha, querida cabana recebão as lagrimas de saudade que vos envio o pobre leprozo! Adeus lugares hospitaleiros,

lugares—onde, padecendo continuas dores no corpo, frui momentos de ventura n'alma! Minha cabana, tão querida, vou partir sem ver-te! Longe dos patrios lares, encontrei em França uma outra patria! Vou partir! Mas os tormentos não apagarão as saudosas recordações que nutro no mais intimo do coração! Hoje posso morrer, deixo a meus filhos uma posição elevada! Todos serão felizes e só eu serei o desgraçado! só eu não irei contemplar os poeticos lugares que constituem a minha patria! só eu serei condemnado a renunciar Parma! Proscripto pelos homens irei errar pelo mundo e, peregrino, chegarei ao mundo de Colombo, á gloria de Pison ou Cabral! (Pausa). Adeus! adens tudo quanto amo! tudo quanto me é caro no mundo! (Sahe apressadamente).

SCENA 8.^a

ALBERTO, RAOUL E DEPOIS ARTHUR.

Alberto.—Detende-vos!

Raoul.—Estás em vosso perfeito juizo querido Sr. Alberto?

Alberto.—Não admitto perguntas!

Raoul.—Mas... sabeis que vim desempenhar a minha palavra de honra.

Alberto.—O meu doente dispença-vos.

Raoul.—Mas...

Alberto.—Sr. Ravul, o homem de bem envergonha-se ao ver-vos em sua caza.

Raoul.—Quero uma explicação sobre este seu modo de tratar-me (*Aproxima-se da mesa e lê o que Angelo escreveu*). Será possível? elle filho de... Não é. (*Rasga os papeis*). Agora é preciso que me vingue. (*2.^a parte*).

Alberto.—Já vos disse, o homem de bem envergonha-se ao ver-vos em sua casa.

Raoul.—Em que sentido empregaes essa phrase:—homem de bem?—Como é que entendeis essa expressão?

Alberto.—Não quero ver-vos mais em minha caza.

Raoul.—Sois muito precepitado, não vas adianteis tanto! Tenho muita cousa inedita e que vós deveis saber antes de serem publicadas no *Grand Monde*. no *Parisiense* ou no jornal de *Renard Warrens*.

Alberto.—Não posso, não quero ouvir-vos.

Raoul.—Historias! ha de ouvir-me quer queira, quer não. Eu sou filho de um par de França e vós?

Alberto.—Senhor!

Raoul.—Não vos quero contar a minha historia inedita; publical-a-hei no *Selvagem*, contentando-me em fazer-vos algumas perguntas. Ouvi-me com paciencia. Eu tenho um nome na sociedade, e vós como vos chamaes perante esse *Juiz Supremo*? Alberto de Mengis? ah! ah! ah! Que notabilidade teem os da vossa *grey*?

Alberto.—Senhor! Não tenho um nome perante a sociedade aristocratica, mas...

Raoul.—Sois da minha opinião digo que ha sociedade aristocratica e democratica. Quando vos fallar em sociedade, deveis entender que me refiro a primeira.

Alberto.—Soube, não sei como, que assim devidicis a sociedade e se disse *sociedade aristocratica* foi unicamente para dizer-vos que sois um—ignorante.

Raoul.—Obrigado. Eu sou ignorante, estúpido e vos não passaes de um mendigo! Quereis esposar Paulina d'Avrigny? Seria melhor que fosses pedir esmolas, como fazem os da vossa *laia*.

Alberto.—Lembrae-vos que estaes em minha casa.

Raoul.—Ah! ah! ah! ah!

Alberto.—Exijo que vos retrateis, se não quizerdes ir comigo ao bosque de Bolonha!

Raoul.—Para terdes a cobardia de não atirardes sobre mim, como fizeste a Arthur de Belville.

Alberto.—Juro vos que um de nós ficará morto!

Raoul.—Com quem devo bater-me?

Alberto.—Comigo.

Raoul.—Quem sois vós? não vos conheço.

Alberto.—Retirae-vos!

Raoul.—Não quero.

Alberto, apresentando-lhe uma pistola, que deve tirar de uma gaveta.—Sahi!

Raoul.—Com muito gosto.

(Continúa.)